

JESUS: O LIBERTADOR DAS MULHERES
UMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICO-RELIGIOSA DA MULHER PALESTINESE
CONTEMPORÂNEA DO JESUS HISTÓRICO

Por
Marcelo dos Santos Dias

FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO
2008

JESUS: O LIBERTADOR DAS MULHERES
UMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICO-RELIGIOSA DA MULHER
PALESTINESE CONTEMPORÂNEA DO JESUS HISTÓRICO

Por
Marcelo dos Santos Dias

Monografia apresentada em cumprimento às
exigências do curso de Bacharel em Teologia
da FABAT.

FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO
2008

FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO

JESUS: O LIBERTADOR DAS MULHERES
UMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICO-RELIGIOSA DA MULHER
PALESTINESE CONTEMPORÂNEA DO JESUS HISTÓRICO

Autor: Marcelo dos Santos Dias

Orientadora de Conteúdo: Prof^ª. Maria Celeste

Orientadora de Forma: Prof^ª. Maria Celeste

Aprovada em ____ / ____ / ____

Rio de Janeiro - 2008

“A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás; mas só pode ser vivida olhando-se para a frente.”

Soren Kierkegaard

DEDICATÓRIA

A minha família: minha amada esposa Raquel, meus amados filhos Maria e João, que durante toda a jornada do curso exercitaram seu amor e compreensão com todo apoio, motivação e sacrifícios com minhas constantes ausências e que fizeram valer a pena cada suor derramado. Sem eles não seria possível esta realização.

AGRADECIMENTOS

Principalmente a Deus pela oportunidade de viver, a capacidade de pensar, crer e principalmente de amar.

Ao corpo docente e discente do (a) STBSB/FABAT, bem como todos os funcionários, que durante toda a trajetória acadêmica acrescentaram muito a minha vida, não somente com conhecimento, mas também com acolhimento, representados pela professora Maria Celeste e a bibliotecária Hevânia

A meus pais: Maria e José pelo carinho e criação que me deram.

As minhas irmãs Ana e Luciana por todo apoio e incentivo, inclusive financeiro, enfim a todos os meus familiares.

Meus sogros: Maria e José (*in memoriam*) pelo apoio de sempre.

A Igreja Batista Betânia e a todos os meus pastores, representados pelo pastor Neil Barreto, Miguel Fernandes e seus familiares pelo suporte espiritual e orientações, a Regina Marcelino representando a todos os irmãos.

Ao inesquecível grupo *Makarios*, composto pelos irmãos em Cristo: Rogério, Renato, Ana Paula, Gustavo e por mim.

A todas as mulheres guerreiras, representadas nas personagens bíblicas, em nossas professoras, esposas, mães e filhas espalhadas no tempo e no espaço de nossa humanidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. O CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DA MULHER PALESTINENSE CONTEMPORÂNEA DE JESUS.....	5
2.1 A FAMÍLIA JUDAICA EM SUA ESTRUTURA PATRIARCAL.....	7
2.2 A MULHER NA CONDIÇÃO DE FILHA.....	8
2.3 A MULHER NA CONDIÇÃO DE ESPOSA.....	10
2.4 A MULHER PALESTINENSE: A EDUCAÇÃO E A RELIGIÃO.....	13
3. O MOVIMENTO DE JESUS COMO LIBERTADOR DA CONDIÇÃO DA MULHER.....	16
3.1 MUDANÇA DE PARADIGMA - MULHERES NA MISSÃO.....	20
3.2 ELAS NO CERNE DO DISCIPULADO	22
3.3 AS PRIMEIRAS DISCÍPULAS, SEGUIDORAS DO PRINCÍPIO AO FIM.....	29
3.4 MULHERES E HOMENS – LADO A LADO NA PROMOÇÃO DO REINO.....	32
4. CONCLUSÕES.....	35
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
RESUMO.....	42

RESUMO

Este trabalho objetiva ser relevante na discussão da importância do papel da mulher para o cristianismo, principalmente para seu nascimento, seu reflexo na história da igreja cristã e suas implicações para a sociedade de hoje. Na investigação utilizou-se a pesquisa bibliográfica para elaboração do referencial teórico. Os principais autores abordados para a discussão foram JEREMIAS (1983); FIORENZA (1992); TEPEDINO (1990); BOFF (1999); e MORACHO (1994). Estes estudiosos da Teologia de Gênero, que utilizam novas possibilidades de compreensão do texto bíblico a partir de uma nova ótica hermenêutica, colaboraram de forma relevante para o estudo das relações de gênero no discurso teológico. Enfim, após a análise do material teórico, chegou-se à conclusão que a mulher teve importância imprescindível na gênese e propagação do cristianismo, que o movimento de Jesus Cristo resgatou o valor real da mulher, ou seja, o mesmo grau de importância dado ao homem, valor este que havia sido perdido na institucionalização da religião judaica, regida por homens de uma sociedade extremamente patriarcal e também que seu valor foi ofuscado, principalmente na história da igreja e que faz-se necessário resgatar este valor dado por Jesus.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho não pretende esgotar o assunto, mas pretende ser relevante para discussão sobre o papel da mulher para o Cristianismo e o papel do Cristianismo para a mulher. Não pretende levantar a “bandeira” dos movimentos feministas, muito menos exaltar diferenças ou superioridades, pelo contrário, a proposta é de colaborar para elucidar a igualdade de gêneros, respeitando suas respectivas particularidades e potencialidades, porém evidenciando a importância da igualdade no Reino de Deus.

Para a melhor compreensão do tema se faz necessário um aprofundamento do conhecimento do contexto histórico, em seus aspectos: cultural e sócio-religioso da Palestina contemporânea do Jesus histórico, fundador do Cristianismo, ou seja, aproximadamente dois mil anos atrás, período de extrema importância para a nossa sociedade, pois dele herdamos nosso maior legado cultural em todos os seus aspectos.

A religião cristã teve sua gênese dentro da religião judaica, em um espaço físico reduzido do Oriente Médio e que em pouco tempo se ramificou em um mundo em expansão, ajudando a formar a sua identidade. Considerando a contribuição da religião judaico-cristã para a nossa sociedade, com suas raízes embrenhadas em nossa cosmovisão, podemos compreender melhor suas conseqüências, principalmente no que diz respeito ao foco da pesquisa, que é o relacionamento entre homens e mulheres e como todo esse legado religioso influenciou e impactou a vida das mulheres em especial.

Analisando a sociedade palestinese do tempo de Jesus, teremos maior consciência da tensão causada e sentida por Jesus, não só com palavras, mas principalmente pelo relacionamento ousado para com as mulheres do seu tempo, confrontando de forma objetiva e direta os valores de sua sociedade extremamente patriarcal. A mensagem libertadora de Jesus para os pobres, oprimidos e marginalizados de uma forma geral encontrou e ecoou no coração das mulheres um abrigo retumbante devido a sua situação de discriminação social e religiosa.

Jesus não tinha uma pregação explícita de libertação da mulher, mas seu princípio de libertação recaiu sobre o estado de dominação feminina. Nas palavras e práxis de Jesus, a mulher se encontrou no reino de Deus, encontrou sentido para sua existência.

O mundo globalizado em que vivemos hoje vem afetando paulatinamente o relacionamento homem-mulher, deslocando cada vez mais seu eixo, de uma sociedade patriarcal dominada pelos homens e pela racionalidade para uma sociedade pessoal, valorizando as qualidades individuais, tendo seu ponto central ou essencial na força do indivíduo. Toda essa mudança tem sido positiva para a mulher, antes vista apenas como determinação sexual (solteira, casada, viúva, disponível, etc). A partir da Revolução Industrial, a mulher vem sendo explorada como mão-de-obra, isso serviu como uma porta aberta para mostrar toda a sua capacidade e competência, conquistando áreas antes dominadas apenas por homens.

Diante deste cenário, qual o papel da Igreja dita cristã hoje? Seu discurso é de libertação, como não poderia deixar de ser, porém sua práxis nem sempre corresponde ao seu discurso.

Se em meio a uma sociedade extremamente patriarcal, Jesus não hesitou em questionar sua estrutura, muitas vezes colocando em xeque sua própria vida, hoje com um cenário bem diferente em que a mulher, mesmo ainda com tantas injustiças contra ela, vem conquistando seu espaço, em muitos casos antes permitido somente ao homem, como por exemplo: em presidências de grandes países como a Alemanha e Argentina, exercendo o cargo de juízas, militares, ministras e etc., como a Igreja tem se posicionado sobre isto? Ainda existe uma resistência muito grande para reconhecer, por exemplo, o sacerdócio feminino, ou seja, aceitar a liderança de mulheres. O que fazer? Que posição tomar?

A resposta está no ensino exemplar de Jesus, e este é o objetivo deste trabalho, ser relevante para essa questão.

Bendito seja Senhor que não me fez pagão.
Bendito seja Senhor que não me fez mulher.
Bendito seja Senhor que não me fez ignorante.
Porque todas as nações diante dele são como nada (Is 40,17).
Bendito seja Senhor que não me fez mulher:
Porque a mulher não está obrigada a cumprir os mandamentos.
Bendito seja Senhor que não me fez ignorante:
Porque o ignorante não se envergonha de pecar".

Oração que os judeus do século II A.D faziam na sinagoga:

2. O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO-RELIGIOSO DA MULHER PALESTINENSE CONTEMPORÂNEA DE JESUS

Localizada no Oriente Médio, a Palestina, oficialmente chamada Judéia, fazia parte do Império Romano desde o ano 64 a.C. com cerca de 25 mil quilômetros quadrados em forma de trapézio, viveu Jesus, em meio a uma sociedade muito diferente da atual, em seus aspectos político, religioso e social.

A família em Israel era a base vital de sua sociedade, não apenas uma entidade social, porém também como uma comunidade religiosa.¹ Sua estrutura era extremamente patriarcal, herança cultural que foi acentuada na constituição das cidades e sedentarização do povo, principalmente após a era pós-exílica, em que o varão (homem) foi assumindo os mecanismos de poder social,² não que a mulher tivesse em pé de igualdade com o homem, mas o judaísmo antigo consentia em seu convívio social a presença um pouco mais relevante da mulher, como a importância política de Miriam, Ester e Judite. Porém a dialética do embate ideológico entre mulher e homem percebe-se em todo nosso percurso histórico. Esta tensão desembocou em uma marginalização e conseqüente submissão da condição feminina. Principalmente legitimada por determinações normativas religiosas, suportadas por hermenêuticas claramente antifeministas, que se fundiam em suas legislações, como no exemplo da interpretação do decálogo (Ex 20,17), que segundo a exegese masculinizante da época, a mulher fazia parte das demais posses do homem, junto com o escravo e a escrava, o boi e o asno. Este pensamento é legitimado, de acordo com a mesma exegese, pelo relato javista da criação de

¹ MORACHO, Félix. *Como ler os Evangelhos*. São Paulo: Paulus, 1994, p.22-28.

² BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008, p.76.

Eva (Gn 2,18-25.) criada a partir do homem e da queda original (Gn 3:1-19), que atribui a mulher, representada universalmente por Eva, a culpa pela entrada do pecado no mundo.³

³ id, ibid, p.76.

2.1 A FAMÍLIA JUDAICA EM SUA ESTRUTURA PATRIARCAL

A família hebréia da época de Jesus era grande e ampla, com sua estrutura radicalmente patriarcal, tudo girava em torno do homem (varão). A poligamia (somente o homem poderia possuir mais de uma mulher) era lícita, porém somente ao alcances dos mais abastados. Na “Casa do Pai”, como era chamada a família, viviam: a esposa principal, as secundárias, os filhos e filhas de todas, juntamente com os criados e escravos. O pai governava como senhor absoluto, era o dono e responsável pelos bens da família. Os filhos homens são seus herdeiros, porém suas filhas aumentam seu patrimônio⁴.

Conforme o costume de sua época, a mulher tinha muitos filhos, isto era sinal do favor de Deus (Sl 127,3.), o contrário também era verdadeiro, conforme a teologia da retribuição.⁵

Por este motivo a família judia era numerosa.

A mulher, de uma forma geral no oriente, não tinha muita vida social, conforme relata Joachim Jeremias (1967, p. 473-474):

“No Oriente, a mulher não participa da vida pública; o mesmo acontecia no judaísmo do tempo de Jesus, pelo menos entre as famílias judaicas fiéis à Lei. Quando a mulher saía de casa, trazia o rosto escondido por um manto, peça de pano dividida em duas partes, uma cobrindo--lhe a cabeça (espécie de couffieh de hoje), e a outra, cingindo a fronte e caindo até o queixo, tipo de rede com cordões e nós. Desta forma, não se podia reconhecer os traços de seu rosto. Certa vez, um sumo sacerdote de Jerusalém não reconheceu a própria mãe, quando lhe aplicou a sentença prescrita para a mulher acusada de adultério.”

⁴ JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus*: Ed. Paulus, 2005, p.474.

⁵ BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008, p.78.

2.2 A MULHER NA CONDIÇÃO DE FILHA

Na “casa do pai” seu governo soberano e absoluto sobre a família implicava em domínio total sobre os bens. Enquanto que seus filhos eram seus herdeiros, as filhas aumentavam seu patrimônio, pois era comum que os pretendentes pagassem por suas filhas.⁶

O lugar da filha era sempre depois dos irmãos, sua função na casa era de aprender as tarefas domésticas e cuidar dos irmãos mais novos, em relação ao pai, assim como os demais irmãos, tinha o dever de alimentá-lo e dá-lo de beber, vesti-lo e cobri-lo, quando seu pai ficava velho, ajudá-lo em sua locomoção dentro de casa, lavar-lhe o rosto, as mãos e os pés.⁷

Até o casamento a filha era totalmente dependente do pai. Joachim Jeremias (1967, p. 478-479) estratifica por idade o pátrio poder:

“1º a menor (qetannah, menina até a idade de “doze anos e um dia); 2º a moça (na'arah, entre 12 anos e 12 anos e meio); e 3º, a maior (bôgeret, acima de doze anos e meio). Até a idade de doze anos e meio, a autoridade do pai é soberana. A filha nada pode possuir; a renda de seu trabalho e o que encontra, pertencem a ele. A filha com menos de 12 anos e meio também não dispõe de si mesma: o pai pode anular seus votos; representa-a em qualquer assunto legal; a aceitação ou recusa de um pedido de casamento pertence exclusivamente ao poder paterno ou ao de um representante seu. Até a idade de 12 anos e meio, uma jovem não tem direito de recusar o casamento decidido pelo genitor, mesmo que o escolhido seja disforme. Mais ainda: o pai tinha o direito de vender sua filha como escrava, conforme vimos, mas somente até aos doze anos. A filha maior (acima de 12 e meio) é autônoma; seu noivado pode ser decidido sem o consentimento paterno. Entretanto, mesmo que a filha seja maior, a quantia para o casamento, que o noivo pagava por ocasião do noivado, pertence ao pai. Esse autoritarismo dilatado do pai levava-o naturalmente a considerar as filhas, sobretudo as menores, como aptas ao trabalho e fonte de renda; “alguns casam a filha e contraem grandes dívidas; outros a casam e recebem dinheiro por ela”; diz uma frase lacônica.”

⁶ MORACHO, Félix. *Como ler os Evangelhos*. São Paulo: Paulus, 1994, p.22.

⁷ JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus*: Ed. Paulus, 2005, p.478.

Após o noivado, que era em idade extremamente precoce, comparada com nossa sociedade ocidental, em torno de doze anos e meio, passava de submissa ao pai para o esposo.

2.3 A MULHER NA CONDIÇÃO DE ESPOSA

Após a execução do contrato de casamento, a noiva passa a se chamar esposa, consumando “a aquisição” (qinyan) da noiva pelo noivo, concluindo assim o casamento. Fica também sujeita as implicações à mulher casada dentro da sociedade judaica de sua época.⁸ Como por exemplo, em caso de falecimento do marido, a viúva era repudiada por um libelo de divórcio e castigada de morte em caso de adultério.

Joachim Jeremias (1967, p. 483) de forma admirável nos ajuda a entender o valor da mulher perante sua sociedade na Palestina contemporânea de Jesus:

“É característico da situação legal da noiva que “a aquisição” da mulher e a do escravo sejam postas em paralelo: “Adquire-se a mulher pelo dinheiro contrato e relações sexuais”; assim “adquire-se” também o escravo pagão por dinheiro, contrato e tomada de posse (hazaqah, consistindo para o escravo em fazer, para o novo patrão, um serviço inerente aos deveres do escravo). Assim se formula a pergunta à qual se responde negativamente: “Há, pois, por acaso, alguma diferença entre a aquisição de uma mulher e a de um escravo?”

A recém esposa, junto com seu novo marido, não necessariamente em idade, passava a morar, na maioria das vezes, com a família do esposo. Isto significava quase sempre que a recém-casada, muito nova na maioria das vezes, entrar em uma nova família estranha e hostil em sua maioria.

⁸ JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus*: Ed. Paulus, 2005, p.484.

Sua situação não mudava muito em relação a sua vida de solteira. Seus deveres aumentavam, seus direitos não. Joachim Jeremias (1967, p. 484) descreve bem sua situação jurídica.

“Juridicamente, a esposa se distinguia de uma escrava: em 1º lugar, por poder conservar o direito de possuir (mas não de dispor) bens que trouxera consigo como bens parafernais; em 2º lugar, pela garantia que lhe dava o contrato de casamento, *ketúbbah*. fixava a quantia que se devia pagar à mulher, em caso de separação ou morte do marido. “Qual a diferença entre uma esposa e uma concubina? R. Meir [cerca de 150 d.C.] respondia: A esposa dispõe de um contrato de casamento, a concubina não o possui.”

Seus deveres domésticos não eram muito diferentes de muitos lares hoje, principalmente longe dos grandes centros. Consistiam, além de servir ao marido e aos filhos, em moer, cozinhar, lavar, amamentar os filhos, fazer a cama do marido, fiar e tecer a lã.

Em relação ao seu marido era de total subserviência, este inclusive podia requisitar a renda de seu trabalho manual, tendo também total poder para anular seus os votos. Por de trás desta obediência implicitava o dever religioso.

O marido podia ter várias esposas (poligamia), como consequência a esposa era obrigada a conviver com concubinas a seu lado.⁹ É lógico que só os mais abastados podiam se dar a este luxo.

Somente o homem tinha o direito de pedir o divórcio, em raríssimos casos a mulher tinha o direito de requerer a anulação jurídica do casamento. Em relação ao divórcio, assim relata Joachim Jeremias (1967, p. 486- 487):

“Na época de Jesus (Mt 19,3) os shamaítas discutiam com os hilelitas sobre a exegese de Dt 24,1 que menciona, como justo motivo para o homem repudiar a esposa, o caso em que ele encontre nela “qualquer coisa de vergonhoso, *'erwat dabar*. Contrariamente à exegese dos shamaítas, anuindo ao sentido do texto, os hilelitas explicavam essa passagem da seguinte maneira; 1º uma impudícia (*'erwat*) da mulher e 2º, qualquer coisa (*dabar*) que desagradasse ao marido davam-lhe o direito de afastar de casa a mulher. Como vemos, o ponto de vista hilelita reduzia a uma total fantasia o direito unilateral de divórcio que o marido detinha.”

⁹ JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus*: Ed. Paulus, 2005, p.486.

De uma forma geral a situação da mulher dependia muito de cada particularidade. Dois fatores influenciavam muito no resultado, de um lado a mulher encontrava grande apoio junto de seus parentes consangüíneos, principalmente seus irmãos; isto era fundamental para sua posição na vida conjugal. O casamento com parentes próximos era muito recomendado, por exemplo, com uma sobrinha; desta forma a mulher encontrava maior proteção por causa de seu parentesco com o marido. De outro lado, o ter filhos, especialmente filhos homens, assumia grande importância para a mulher. A falta de filhos era tida como desonra, até mesmo como castigo divino. Sendo mãe, a mulher via-se valorizada; pois presenteava ao marido o maior dos bens, filhos. Como viúva, a mulher permanecia eventualmente ligada a seu marido, isto é, no caso em que ele morresse sem deixar filho (Dt 25,5-10; cf. Mc 12,18-27). Nessa circunstância, a viúva deveria esperar sem poder sugerir de forma alguma, que o ou os irmãos do falecido marido contraissem com ela o casamento levirático ou lhe manifestassem a recusa, sem a qual ela não podia tornar a se casar.

2.4 A MULHER PALESTINENSE: A EDUCAÇÃO E A RELIGIÃO.

A educação não fugia a regra das demais coisas para o povo judeu, se confundia com a sua própria religião. Nos primeiros anos a mãe cuidava dos filhos, mas a partir do quarto ano cada caminho já começa a ser traçado, o pai começa a instruir o seu filho e a filha fica a cargo de sua mãe. Enquanto a menina aprende a cozinhar e os trabalhos domésticos para se tornar uma futura esposa e mãe, o filho geralmente absorve a profissão do pai. Eventualmente o filho pode ser enviado para a casa de um outro parente a fim de aprender outro ofício, no caso

da filha poderia ser vendida como escrava, mas, para isso, deve-se esperar até os seis anos. Após esta idade, o pai não é mais obrigado, juridicamente, a sustentar os filhos.¹⁰

A educação visava principalmente ensinar a Torá aos filhos. Função esta que compete aos pais, sendo que as meninas aprendiam somente os preceitos negativos, ou seja, tudo aquilo que venha legitimar sua condição inferiorizada de mulher; quanto ao menino deveria se dedicar ao conhecimento geral da Lei, que seria a concretização de sua dedicação religiosa. Sobre a educação na Palestina, assim nos elucida SAULNIER (2002, p. 73):

“A educação não visa somente ao aprendizado de um ofício: consiste sobretudo em ensinar a Torá aos filhos. E aqui também, esta função compete aos pais. Mas há uma grande diferença neste ponto entre as meninas e os meninos. A menina, evidentemente, deve conhecer todos os preceitos negativos: "Tu não farás ..." e os que se referem à sua condição; mas fora disso, quanto menos se lhe ensina, melhor é. O menino, ao contrário, deve saber o mais possível da Lei, a fim de melhor conhecê-la e honrar o Senhor. Deve saber ler o texto sagrado e ser capaz de interpretá-lo. Mas como muitos pais não podem fazê-lo por si mesmos, inventa-se a escola, destinada só aos meninos; as meninas conseguem, no entanto, adquirir certa formação, graças sobretudo aos comentários do ofício sinagoga. De acordo com uma tradição judaica, só por volta de 63 d.C. é que o sumo sacerdote decidiu criar em cada aldeia uma escola gratuita para todos os meninos a partir de 6 ou 7 anos; mas alguns fazem a instituição do ensino público remontar a 130 a.C., embora sua finalidade não fosse outra senão preparar leitores para a sinagoga.”

Enquanto os homens eram obrigados a seguir todos os mandamentos ligados a um tempo determinado; as mulheres ficavam isentas das obrigações religiosas. A mulher estava condenada à ignorância, não recebia qualquer instrução religiosa.¹¹ Também sobre este assunto, nos esclarece Joachim Jeremias (1967. p 490):

“... cita-se uma série de mandamentos aos quais a mulher não se obriga: ir em peregrinação a Jerusalém para as festas da Páscoa, de Pentecostes e das Tendas, abrigar-se nas tendas e agitar o lûlab por ocasião desta festa, tocar o

¹⁰ SAULNIER, Christiane e ROLLAND, Bernard. *A Palestina no tempo de Jesus*. São Paulo-SP: Paulus, 2002.

¹¹ MORACHO, Félix. *Como ler os Evangelhos*. São Paulo: Paulus, 1994, p.25.

shofar no dia do Ano Novo, ler a megilhah (o livro de Ester) na festa de Purim, recitar diariamente Obrigado(a), sema127 etc. Dispensavam-na também de estudar a Torá; R. Eliezer (cerca de 190 d.C.), enérgico representante da antiga tradição, lançou a seguinte sentença; “Aquele que ensina a Lei à sua filha, ensina-lhe a devassidão [ela fará mau uso do que aprendeu]. A idéia de que se devia ensinar também a Tora às moças e que somente era proibido transmitir-lhes a tradição oral não representa, de modo algum, o direito antigo. Em todo caso, as escolas lá estavam unicamente para os meninos e vedadas às meninas.”

Maria, Maria
 É um dom, uma certa magia
 Uma força que nos alerta
 Uma mulher que merece
 Viver e amar
 Como outra qualquer
 Do planeta

Maria, Maria
 É o som, é a cor, é o suor
 É a dose mais forte e lenta
 De uma gente que ri
 Quando deve chorar
 E não vive, apenas agüenta

Mas é preciso ter força
 É preciso ter raça
 É preciso ter gana sempre
 Quem traz no corpo a marca
 Maria, Maria
 Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha
 É preciso ter graça
 É preciso ter sonho sempre
 Quem traz na pele essa marca
 Possui a estranha mania
 De ter fé na vida....

Mas é preciso ter força
 É preciso ter raça
 É preciso ter gana sempre
 Quem traz no corpo a marca
 Maria, Maria
 Mistura a dor e a alegria...

Maria, Maria.
Música de Milton Nascimento e Fernando
Brant.

3. O MOVIMENTO DE JESUS COMO LIBERTADOR DA CONDIÇÃO DA MULHER

Tendo em mente que os discípulos, os primeiro seguidores de Jesus, eram homens judeus e mulheres judias, não podemos esquecer da tensão que há neste início de relacionamento que se dá no movimento de Jesus. O movimento de Jesus foi um movimento judaico, dentro da história judaica do primeiro século antes de Cristo.¹²

Em meio a um angustiante e séquido deserto existencial, em que tinha seu valor tolhido, mormente na pior das opressões, quando não se permite que se tenha consciência da realidade que o cerca. Neste contexto viviam essas mulheres e começa o movimento de Jesus. Elas por sua vez tiveram suas esperanças renovadas pelo princípio libertador da mensagem de Jesus em que cumprindo uma antiga profecia (Is 61,1) trouxe à tona um vislumbre de renovo, como chuva que cai no deserto.

Para uma melhor compreensão da atitude e postura de Jesus para com as mulheres é necessário que se conheça todo este contexto sócio-religioso.¹³ O movimento de Jesus mudou a vidas daquelas mulheres que, de acordo com o judaísmo não podiam ser discípulas e tiveram a oportunidade de participar diretamente no movimento de Jesus, inclusive sustentando financeiramente. Assim Joachim Jeremias nos descreve esta mudança (1967, p.494):

“Somente a partir desta perspectiva da época é que podemos apreciar devidamente a posição de Jesus em face da mulher (Lc 8,1-3); Mc 15,41 e par. (cf. Mt 20,20) falam das mulheres que acompanhavam Jesus; trata-se de um fato sem precedente na história da época. O Batista pregou às mulheres (Mt 21,32) e batizou-as; Jesus altera conscientemente os costumes, deixando que algumas o sigam. Por assim proceder é que exige dos discípulos a atitude de pureza que supera qualquer desejo: “Quem olhar para uma mulher [casada] com desejo libidinoso já cometeu adultério com

¹² FIORENZA, Elisabeth, S. *As Origens Cristãs a partir da Mulher - uma nova hermenêutica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

¹³ MORACHO, Felix. *Como ler os Evangelhos*. São Paulo: Paulus, 1994, p.29.

ela em seu coração” (Mt 5,28). Jesus não se contenta de elevar a mulher acima do nível em que a tradição a mantinha; enquanto Salvador, enviado a todos (Lc 7,36-50), coloca-a em pé de igualdade com o homem (Mt 21,31-32).”

Jesus não só critica como confronta explicitamente os costumes excludentes de seu povo e época. Para começar, o Reino de Deus anunciado por Jesus não exclui ninguém¹⁴, todos são convidados (as mulheres e os homens, as prostitutas e os piedosos fariseus), ou seja, o anúncio do Reino de Deus feito por Jesus denuncia a desigualdade e promove a equidade entre os homens.

Jesus inverte a ordem comumente praticada, sua mensagem tem como prioridade os pobres, marginalizados e oprimidos.¹⁵ Agora os últimos serão os primeiros (Mc 10, 31, cf. Mt 19,30; 20,16). Junto com outros excluídos as mulheres também se encontravam nesta lista, com todo seu sentimento de inferioridade em sua estrutura social de dominação masculina.

Jesus irrompe preconceitos, “quebra tabus”. Mantém profunda e intensa amizade humana com algumas mulheres, como Marta e Maria (Lc 10,38-42; Jo 11,5. 33; Jo 12, 1-8). Não hesita em conversar a sós publicamente com mulheres, contrariando em muito o rígido costume de sua época, no caso da mulher samaritana junto ao poço de Jacó, agravado pelo sentimento de ódio e desprezo que o judeu adquiriu no decorrer de sua história, que a considerava estrangeira, idólatra e maldita. Jesus lhe pede um favor e conversa longamente sem superficialidade (Jo 4,4-42). Esta mulher samaritana deu início à comunidade cristã de Samaria (Jo 4,28-30). Jesus também coloca sua própria vida em risco quando entra em um embate para defender a mulher surpreendida em adultério (Jo 8,2-11) quando tenta conscientizar que a legislação visava somente o pecado da mulher. Mais uma vez em uma situação delicada Jesus na casa de um respeitado e piedoso anfitrião que o convida para comer

¹⁴ MORACHO, Felix. *Como ler os Evangelhos*. São Paulo: Paulus, 1994, p.29.

¹⁵ BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008, p.78.

e em sua casa, Jesus não somente perdoa, mas também se deixa tocar pela mulher pecadora que lhe unge e beija (Lc 7, 36-48). Jesus também contraria a estrutura religiosa de sua época tendo discípulas (Lc 8, 1-3; cf Mc 15,40-41). Em seu grupo há mulheres solteiras, casadas e viúvas. Algumas foram curadas por eles de espíritos maus, isso significava que eram mulheres suspeitas, considerada pecadoras conforme entendimento da época. Para as primeiras comunidades cristãs o discípulo era aquele que não somente ouvia as mensagens, mas que também as colocavam em prática. Para Jesus o círculo de discípulos que o rodeiam é a sua verdadeira família (Mt 12, 46-50; Mc 3, 31-35; Lc 8,19-21). Neste sentido fica mais compreensível o texto bíblico que relata o elogio feito à mãe de Jesus pelo simples fato de tê-lo amamentado quando criança (Lc 11,27-28), porém Jesus contrapõe a afirmação descaracterizando o valor puramente maternal biológico, reconhecimento máximo para uma mulher na sociedade judaica, mas atribui outro valor, valor de discípulo, igualitário a todos, homens ou mulheres.

Em relação ao casamento a postura de Jesus é impar, ¹⁶ não apenas defende a monogamia, mas proíbe categoricamente o divórcio a seus discípulos (Mc 10,9) critica a Torá por permitir o divórcio por causa da dureza do coração humano (Mc 10,5). Para ele o casamento é tão indissolúvel que considera adultério novo casamento dos divorciados, homem ou mulher, pois o primeiro casamento subsiste. Esta intervenção que Jesus faz criticando a prática do divórcio tem um sentido também de resguardar e proteger o direito das mulheres, ¹⁷ pois o homem tinha várias formas, muitas delas levianas, de repudiar sua mulher, geralmente com direitos totais aos bens, em quanto que a mulher raramente podia pedir o divórcio.

¹⁶ JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesu*. Ed. Paulus: 2005, p.494.

¹⁷ BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008, p.79.

3.1 MUDANÇA DE PARADIGMA - MULHERES NA MISSÃO

A importância da mulher para o início e propagação do cristianismo foi proporcional à importância do cristianismo para a libertação da condição existencial da mulher. Lembrando que para os judeus mais ortodoxos a mulher não deveria ter participação no culto, nas sinagogas elas sentavam ao fundo.¹⁸ Nos atos religiosos elas se mantinham bem distantes dos piedosos homens. Para elas havia um lugar separado, chamado pátio das mulheres, entretanto no Santo dos Santos elas jamais podiam entrar. Jesus, de forma consciente, radicalmente rompe com esses costumes que cerceiam a participação da mulher no culto.

No conceito de Cristo, a mulher não servia apenas para as atividades domésticas, tais como cozinhar e cuidar dos filhos e do marido. Transmitiu para elas seus mais profundos ensinamentos, alguns em particular, como o da mulher samaritana à beira do poço de Jacó (Jo 4). Também para Marta e Maria sobre a ressurreição (Jo 11), outras vezes ensinou para mulheres na multidão. Parece algo simples, mas contrariou em muito o pensamento da época, que considerava que a mulher não tinha inteligência suficiente para entender as coisas, além das atividades domésticas, alguns até as comparavam à crianças¹⁹ não permitindo que tivessem acesso a educação.

Toda esta a revolução causada por Jesus ia de encontro com a ideologia patriarcal da época e ecoou de forma retumbante nos corações afortunados daquelas mulheres. Isto reverteu-se em uma espontânea militância a causa de seu mestre, que passou a ser também a causa delas. Este empenho materializou-se em trabalho incansável para o Reino de Deus. Mesmo tendo poucos registros extra-bíblicos sobre o papel da mulher nos primórdios do cristianismo, temos os próprios registros bíblicos que atestam sua importância.

¹⁸ COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Minas Gerais: Betânia, 1991.

¹⁹ JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus*. Ed. Paulus: 2005, 493.

Em seu ministério, Jesus se relacionou com as mulheres de forma sem precedentes em seu contexto social, pois tê-las como discípulas era algo até então inédito. Muitas delas, vindas das mais variadas classes sociais, ajudaram a manter financeiramente seu ministério.

Enquanto que os mais extremistas não aceitavam que as próprias esposas falassem com seus maridos na rua, muito menos com um estranho, pois seria no mínimo uma imensa insensatez, Jesus por sua vez não apenas permitia que as mulheres participassem de seu ministério, como também permitia a aproximação física com elas, deixando-se tocar e tocando as mulheres, inclusive as mais difamadas como as prostitutas, por exemplo. Isso não somente é visto pelos religiosos como imprudência de sua parte, como em muitas vezes colocava sua própria integridade física em risco com esses atos, que eram totalmente contrários aos padrões de conduta estabelecidos.

3.2 ELAS NO CERNE DO DISCIPULADO

O discipulado de Jesus se distingue dos demais discipulados de sua época, como o discipulado dos rabis e dos filósofos.²⁰ Para ser um discípulo (*mathetês*) é necessário que se tenha um chamado (*eklésis*), no processo de aprendizado do discípulo, ele vai conhecendo cada vez mais o mestre (*didáskalos*) e para tal são necessárias duas coisas: o *orao* (ver) e o *akouo* (escutar) para então anunciar e fazer sinais de Boa-Nova como fez Jesus. Ana Tepedino²¹ nos ajuda a elucidar o conceito de discípulo:

“No grego profano “mathetes” é a pessoa que se vincula a outro para apropriar-se de seus conhecimentos e experiências: o aprendiz, o estudante. Só se pode ser “mathetes” quando há um “didáskalos”, um mestre ou um professor, ao qual o discípulo tem que pagar honorários.

No AT, na versão dos LXX, a palavra não é muito utilizada, pois o único mestre é Yahweh em nome de quem falavam os profetas. Utilizava-se a palavra “Lamad” que significa aprender a orientar toda a existência humana segundo a vontade de Deus.

²⁰ TEPEDINO, Ana. *As discípulas de Jesus*. Rio de Janeiro: Vozes, 1989, p23.

²¹ Id, *ibid*, p24.

No judaísmo rabínico, aparece o Talmid, que é aquele que se ocupa da tradição escrita e oral. Está ligado a um mestre como se fosse seu escravo. Mais tarde, o termo “mathetes” (discípulo) vai expressar a pertença a uma escola filosófica. No entanto, é no NT que o substantivo discípulo encontra seu centro de gravidade. Aparece 264 vezes e significa os “homens” que rodeavam Jesus como mestre. Os evangelhos tomam este termo do uso lingüístico do judaísmo helenístico e lhes dão um caráter totalmente novo, um sentido diferente a partir da relação com Jesus.”

O termo já estava sendo usado, por exemplo, por João Batista (cf. Mt 12, 2; Mc 2, 18; Lc 5,33; 11,1; Jo 1,35), inclusive os fariseus já o usavam (cf. Mt 22, 16; Mc 2, 18). Entretanto o chamado de Jesus (*klésis*) é a característica especial do discípulo, que aparece em todos os relatos que falam dos que seguiam a Jesus.

Entende-se este chamado de Jesus de uma forma direta, “vem e segue-me”, assim como no caso de Pedro e André (cf. Mc 1,17; Mt 4,19) e também a chamada de Levi (cf. Mc 2,14). No relato Lucano percebe-se que não há a necessidade de uma vocação formal e sim uma obediência irrestrita, como aconteceu com Pedro e André que largaram tudo e seguiram-no.

Outra característica importante como diferencial dos demais discípulos é a consciência que o chamado também é um chamado ao serviço.²² Conforme a analogia na linguagem que lhes era comum (Mc 1, 17; Lc 5, 10) de pescadores de peixe se converteram em pescadores de homens, ou seja, através da mensagem do evangelho atraindo homens para o Reino de Deus.

Mesmo considerando que parte de seus discípulos foram chamados diretamente por Jesus (*mathetés*), que faziam parte de um círculo mais íntimo e restrito e estavam assiduamente com ele, existiam aqueles que seguiam a Jesus sem necessariamente terem sido convidados pessoalmente por eles (*met'autou peripatein*) “caminhar junto com ele” (cf. Jo 6,66) Em relação ao chamado dos discípulos por Jesus, é interessante ressaltar o que relata Ana Tepedino (1989,25):

²² Id, ibid, p26.

“A iniciativa de Jesus, nos contam os evangelhos, demonstra sua falta de preconceitos e o tratamento igualitário com o qual se relacionava com todas as pessoas. À diferença do que ocorria no rabinato, ele rompe as separações existentes entre puros e impuros, pecadores e cumpridores da lei. Chama, para segui-lo, homens que não poderiam satisfazer às condições para uma comunhão com um mestre, como o publicano Levi (cf. Mc 2, 13), que por causa de sua profissão era considerado pecador e afastado dos homens piedosos (cf. Lc 15,15), os zelotas (cf. Lc 6, 15; At 1,13) ou os pecadores (cf. Mc 1,16s). Assim como as mulheres (cf. Mc 15,40-41).”

Entende-se que o círculo dos discípulos não era uma elite ascética com sua ética especial e sim um grupo diversificado de pessoas que foram comissionadas por Cristo para um serviço diferenciado, e isso abrangeu e abrange: homens e mulheres, pobres e ricos, religiosos e pecadores.

Outro aspecto importante do discipulado é sobre a resposta ao chamado (*eklésis*) de Jesus, que seria o seguir (*akolouthēin*) a Jesus, caminhar atrás dele e fazer a dele a sua orientação de vida para toda a vida.²³

No mundo grego, seguir significava “andar atrás de”, é derivado do seguir em sentido espiritual, moral e religioso. Já no AT, na versão da LXX, não há implicação religiosa, como no exemplo de Abimeleque, o guerreiro segue o comandante (cf. Jz 9,4-49), ou na esposa que segue ao esposo (cf. 1Rs 19,20). Nas narrações tradicionais do rabinado judaico, relatam os discípulos seguindo a considerável distância seus mestres, que orientavam a frente a pé ou montados em asnos, mais tarde a relação mestre-discípulo caracterizou a sociedade rabínica.

24

²³ Id, ibid, p29.

²⁴ Id, ibid, p29.

No NT a palavra “akoloutheo” tem os significados de: “fazer caminho com alguém, acompanhar” e “ir atrás de, seguir”. Aparece 59 vezes nos sinóticos, dezoito vezes em João, quatro vezes em Atos, uma vez em Paulo e seis vezes no Apocalipse.²⁵

O cristianismo se utilizou da imagem rabínica do discípulo que segue ao mestre, porém com um novo sentido e aplicação, denominada “*seqüela Chrhst*.”²⁶ Ana Tepedino discorre da seguinte forma sobre o assunto (1989, p.31):

“O grupo “akoulotheo” designa a ação do homem, com a qual responde ao chamamento de Jesus, que é o novo ajuste de toda a existência humana na obediência.

Na boca de Jesus aparece frequentemente o termo em forma imperativa (por exemplo: na vocação dos discípulos, em Mt 9,9 p; 8,22 p; Jo 1,43; 21,19). Desta forma “akoloutheo” sempre representa a chamada à condição de discípulo do Jesus terreno e designa o princípio dessa condição de discípulo (em João se observa certa espiritualização na direção de uma comunhão com aquele que foi exaltado especialmente: Jo 12,26s e também Ap 14,4).”

Outra característica, também não menos importante de um discípulo é o servir “*diakonei*”. O conceito de serviço sempre foi entendido como algo humilhante, enquanto que o conceito de serviço para o cristianismo é uma atitude de humildade. Em grego três grupos de palavras eram usados para exprimir as diferentes formas de serviço:²⁷

- “*LEITOURGUÉO*”: Sua raiz é “*laós*”: povo e “*érgon*”: obra, ou seja, obra do povo, que se traduz como trabalho voluntário na comunidade política. Depois o sentido evoluiu para designar o ministério cultural do sacerdote;
- “*LATREUO*”: Passa a designar a atitude interior do homem religioso;
- “*DIAKONEO*”: Se emprega para expressar a ajuda pessoal, não somente físico-material aos outros homens. Este termo no grego profano é pouco honroso e desvalorizado, significando “servir à mesa”, serviço indigno e desonroso para um

²⁵ Id, ibid, p30.

²⁶ Id, ibid, p30.

²⁷ Id, ibid, p31.

homem livre, outro significado era “ganhar o sustento”, no conceito genérico de serviço e por último significando era de serviço ao bem comum, como na “polis” de Platão ou a uma divindade.

No movimento de Jesus também este conceito foi revolucionado, pois não havia precedente no sentido de serviço significando entrega espontânea da própria pessoa. Gradativamente o termo foi significando serviço, ministério e função. Jesus inverte o sentido de servir de algo desprezível para ser a atitude principal do discípulo. O que é pouco honroso diante dos homens, agora passa a ser valorizado.²⁸ O mestre dá o exemplo com sua práxis fala e faz como quem serve a mesa, através de sua humildade cria a regra de vida para seus discípulos (cf. Lc 22,26-27).

O termo “*diakonéo*” aparece no NT com bastante freqüência nos sinóticos e em Paulo, ao contrário de “*diakonia*” que não aparece nos evangelhos, com exceção de Lc 10, 40, porém torna-se bem significativo em Paulo. “*Diakonéo*”, servir, passa a ser utilizado no sentido de:

- Servir a mesa (cf. Mc 1,31p; Lc 10,40; Jô 12,2; Lc 17,8; At 6,2);
- Assistir às pessoas (cf. Mc 15,4p; Lc 8,3; Mt 4,11; 25,44);
- Assistir à comunidade (cf. 2Tm 1,18; Hb 6,10; 1Pe 4,10-11; 1Tm 3,10-13);
- Ligado a coleta em favor dos “santos” de Jerusalém (cf. Rm 15,25; 2Co 8,19);
- Expressando a pregação do evangelho (cf. 2Co 3,8; 1Pe 1,12);
- Para designar a humilhação e entrega na paixão e morte de Cristo (cf. Mc 10,45; Lc 22,26-27).
- Seguimento (cf. 12,25,26; Lc 12,37).

²⁸ Id, ibid, p37.

Jesus revoluciona o sentido do serviço, de humilhação a plenitude de demonstração cristã de amor ao próximo, inclusive legitimando como marca do verdadeiro discípulo.²⁹ Jesus demonstra através de seu exemplo que o caminho para corresponder a Deus é o serviço evidenciando o desprendimento do discípulo por autodoação em gratidão ao mestre Jesus, que por sua vez foi o maior exemplo “que serviu e deu sua vida em resgate por muitos” (Mt 20,28; Mc 10,45).

3.3 AS PRIMEIRAS DISCIPULAS, SEGUIDORAS DO PRINCÍPIO AO FIM.

“Mas muitos que são primeiros serão últimos; e muitos que são últimos serão primeiros.”

Mc 10,31.

O chamado de Jesus (*klésis*) tem como principal objetivo fazer discípulo, colaboradores do Reino de Deus e as mulheres se encaixavam perfeitamente nas características para um bom discípulo.³⁰

Jesus traz o novo para dentro da realidade de seu tempo, renova a dinâmica vivida em seu contexto histórico-social e, de forma inusitada, insere em seu processo de ensinamento e relacionamento humano e religioso os excluídos, os marginalizados de sua sociedade. Inverte a ordem de valoração e valorização conhecida e praticada por sua sociedade (Mc 10,31). Jesus acolhe a todos, pecadores, mulheres e crianças. Muitos curados por Jesus se tornam seus discípulos, outros se tornam seus discípulos e são curados pelo acolhimento e por suas dignidades respeitadas. Neste novo grupo todos exercitam a igualdade na diversidade vivendo na dimensão do existir para o outro.³¹

²⁹ Id, *ibid*, p37.

³⁰ TEPEDINO, Ana. *As discípulas de Jesus*. Rio de Janeiro: Vozes, 1989, p.85.

³¹ Id, *ibid*, p85.

As mulheres seguiram ao Jesus terreno em seu movimento, desde sua gênese na Galiléia até o final em Jerusalém. (Mc 15,40,41).³²

De acordo com os modernos estudos exegéticos, a primeira parte da tradição a assumir forma escrita foram os relatos da paixão de Cristo.³³ Isto dado é de extrema importância para o estudo da participação da mulher no movimento de Jesus, pois as mulheres foram peças fundamentais não somente neste episódio, mas principalmente nele. O texto de Mc 15,40-41 relata justamente o trecho final do relato da paixão. Neles as mulheres exemplificam e simbolizam o discipulado, não o abandonando nem mesmo nos momentos mais difíceis.

O fato de três mulheres terem sido nomeadas revela e legitima de certa forma que todas eram conhecidas e reconhecidas na comunidade até mesmo como liderança no movimento cristão da Palestina.³⁴

Marcos (Mc 15,40,41) as apresenta com os termos técnicos “*diakonein*” e “*akolouthēin*”: serviço e seguimento, que as identificam como legítimas discípulas. O texto diz que as mulheres seguiram Jesus desde a Galiléia até Jerusalém, ou seja, em todos os momentos do movimento de Jesus, não somente nas curas, milagres, pregações, mas também agora no final, na cruz. Enquanto todos os demais discípulos fogem no momento da morte de Jesus, as mulheres são as únicas discípulas a acompanharem o mestre até o fim.

As mulheres eram impedidas de testemunhar em um tribunal, mesmo como testemunha de acusação. Esta prática era legitimada pela exegese que faziam de Gn 18,11-15, pois considerável que seu testemunho não era confiável, devido a sua inclinação à mentira.³⁵ No relato da paixão em Marcos (Mc 15,39) pela fidelidade delas, aparecem como únicas testemunhas oculares da execução do mestre. Do anonimato que ocorre durante os capítulos

³² Id, *ibid*, p85.

³³ Id, *ibid*, p86.

³⁴ Id, *ibid*, p86.

³⁵ MORACHO, Felix. *Como ler os Evangelhos*. São Paulo: Paulus, 1994, p.25.

anteriores a personagens principais no relato mais importante do movimento cristão. Algumas passagens enfatizam a importância desta fidelidade:

- Mc 15,40b: “... e também estavam ali algumas mulheres olhando de longe”.
- Mc 15,47: “Maria Madalena, Maria mãe de José observam onde ele foi posto”.
- Mt 27,55: “Estavam ali muitas mulheres olhando e longe”.
- Mt 27,61: “Maria Madalena e outra Maria estavam ali sentadas em frente ao sepulcro”.
- Mt 28,1: “Após o sábado, ao raiar o primeiro dia da semana vieram ver o sepulcro”.
- Lc 23,49: “Todos os seus amigos bem como as mulheres que o haviam acompanhado desde a Galiléia permaneciam à distância, observando essas coisas”.
- Lc 23,55: “As mulheres que tinham vindo da Galiléia com Jesus haviam seguido a José; observaram o túmulo e como o corpo de Jesus fora ali depositado”.

As mulheres foram também as primeiras a testemunhar a ressurreição de Jesus, a importância deste fato é tremenda, pois através das mulheres ficou estabelecida a certificação da ressurreição de Jesus, pois elas testemunharam a sua morte, o local de seu sepultamento e sua ressurreição.

Mesmo em sua morte Jesus confere as mulheres uma grande dignidade, de seguidoras na missão e testemunhas na morte a mensageiras das Boas Novas (Jesus está vivo!).

Aquelas que não eram aceitas em sua sociedade como testemunhas,³⁶ passaram a promotoras da confissão cristã primitiva que veio a mudar o mundo: “Jesus de Nazaré a quem vocês executaram na cruz foi ressuscitado” (cf. At 2,32) e segundo o relato de ressurreição de Marcos (Mc 16,1-8) foi na visão revelada primeiramente às mulheres Galiléias, as discípulas de Jesus.

³⁶ MORACHO, Félix. *Como ler os Evangelhos*. São Paulo: Paulus, 1994, p.25.

3.4 MULHERES E HOMENS – LADO A LADO NA PROMOÇÃO DO REINO.

Muitas são as mulheres que se fatigaram no Senhor (Rm 16.6-12). O NT sugere que o movimento de Jesus alterou radicalmente a posição das mulheres, promovendo-as a uma parceria com os homens sem precedentes na sociedade judaica. O NT retrata as mulheres participando plenamente e intensamente da igreja cristã desde a sua concepção e fiéis até a cruz, ajudando inclusive a continuar após a paixão e morte de Jesus. Sempre presentes nas atividades das congregações compartilhando totalmente da capacitação do Espírito para servir. Trabalhando lado a lado dos homens para colaborar na construção do Reino. No cristianismo primitivo as mulheres ocuparam lugar de destaque na comunidade cristã.³⁷ Segundo Paulo, muitas são as mulheres que se fatigaram no Senhor (Rm 16,12). Exemplos como o de Priscila, Febe (Rm 16,1) chamada “*diakonos*” e “*prostatis*” (coordenador) título que Paulo atribui a si mesmo e a Apolo (cf. 1Co 3,5-9). Maria, Pérside, Julia, Trifena e Trifosa, a irmã de Nereu e de Rufo (Rm 16,12). Os Atos dos Apóstolos falam de Lídia, uma próspera comerciante de púrpura, líder de igreja doméstica (At 16,14-15). Damaris, que se converteu em Atenas (At 17,34), As profetizas, quatro filhas virgens de Filipe (At 21,9). As mulheres piedosas que confeccionavam roupas para os pobres (At 9,36). Paulo também cita, outras duas muito importantes, Síntique e Evódia, que assistiram Paulo na luta pelo evangelho (Fp 4,2). É importante também registrar Júnias chamada por Paulo de apóstola.³⁸

As mulheres ao contrário do que acontecia no judaísmo antigo, participavam intensamente da vida religiosa no cristianismo primitivo. Por exemplo, no Pentecostes (At 1,14-15; 2,1-4), os discípulos, homens e mulheres compartilhavam em oração, foram cheios com o Espírito e proclamaram a mensagem do evangelho no Pentecostes. Junto com os escravos as mulheres da igreja primitiva participavam da refeição

³⁷ BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008, p.80.

³⁸ TEPEDINO, Ana. *As discípulas de Jesus*. Rio de Janeiro: Vozes, 1989, p.126.

de amor e comunhão dos cristãos, do culto, da ceia e da proclamação do evangelho ao mundo pagão (At 2,42-47).

Agora as mulheres podem ser testemunhas, começando na morte e ressurreição de Cristo (At 12,12-16) e agora co-participando com os homens na afirmação de Jesus “você serão minhas testemunhas, em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra” (At 1,8).

“Desse modo não existe diferença entre judeus e não-judeus, entre escravos e pessoas livres, entre homens e mulheres: todos vocês são um só por estarem unidos com Cristo Jesus”

Gl 3,28 (Nova Tradução na Linguagem de Hoje).

4 CONCLUSÕES

O pequeno movimento iniciado pelo Jesus terreno teve sua gênese há pouco mais de dois mil anos atrás dentro da religião judaica na Galiléia, um lugar politicamente insignificante para sua época, e tomou proporções extraordinárias, se ramificando por todo o mundo conhecido na época, relativamente em um espaço curto de tempo. O principal motivo deste impressionante avanço da recém criada igreja cristã, foi o fato de os homens e mulheres serem alcançados pelo cerne, pelo princípio libertador geral da mensagem daquele que foi intitulado Messias, Cristo, Emanuel, inicialmente pelo seu povo judeu e mais tarde para todos os demais povos conhecidos na época e continuou crescendo na mesma proporção que o mundo crescia e conforme novos lugares iam sendo habitados ele também se expandia. Estes homens e mulheres, responsáveis por este crescimento se engajavam com suas vidas para propagar em todos os povos e nações a sua mensagem libertadora.

As mulheres de uma forma particular foram alcançadas por esta mensagem. Jesus rompeu com os conceitos e preconceitos de seu tempo e promoveu mulheres a um status jamais alcançado por elas, possibilitou que tivessem consciência delas por elas próprias, à luz da mensagem libertária de Jesus, ou seja, as mulheres puderam mensurar seus próprios valores sem a imposição da “lente” de sua cultura discricionariamente patriarcal. As mulheres puderam enxergar tão simplesmente que eram, assim como os homens, filhas de Deus. O Reino de Deus veio promover a igualdade entre todos, afinal não existia mais diferença entre homens e mulheres (Gl 3,28). A mensagem central do Jesus histórico era o “Reino de Deus” que tem como destinatário principal os excluídos, os pobres, marginalizados e oprimidos e as mulheres se encontravam nesta lista. A estrutura extremamente patriarcal que dominava sua sociedade não permitia que tivessem consciência, ou pudessem manifestar qualquer descontentamento com sua condição. A religião era usada para legitimar a conduta e dominação por parte do homem. O cerne de sua mensagem ia de encontro às carências

humanas e suprimindo como bálsamo as almas carentes de homens e mulheres excluídos de seu mundo e de seu tempo.

Jesus superou a ética da norma pela ética da responsabilidade. Jesus renovou, trouxe uma nova proposta, tecido novo em roupa velha (Mc 2,21; Lc 9,36) e vinho novo em odres velhos (Mt 9,17) assim como nas analogias feitas por Jesus, com sua própria conduta e mensagem, ele causou uma tensão muito grande em sua sociedade, principalmente com a classe dominante, a classe religiosa. Jesus revoluciona e inverte a ordem, onde a primazia é dos excluídos, dos pecadores, dos doentes, dos pobres e das mulheres (Mt 20,16). É a vez de quem não tinha vez, chegou a hora de quem nunca teve o seu momento. Assim como descreve o salmista na esperança de dias melhores (Sl 126,4), como as torrentes do Neguebe inundam com toda a força o árido deserto no extremo sul da Palestina, lugar seco, aparentemente sem vida e se transforma em um manancial, em um rio que mata a sede e brota vida, assim Jesus trouxe vida aos excluídos.

A reciprocidade da importância do cristianismo para a mulher foi fundamental para a igreja primitiva, pois a partir de sua libertação como pessoa e filha de Deus, o cristianismo pôde contar com sua total fidelidade e empenho, seu engajamento no movimento foi de extrema importância para a igreja nascente. Enquanto que no judaísmo ela era excluída, inclusive da aliança com Deus, pois somente os meninos eram circuncidados, no movimento de Jesus elas eram batizadas como todos, sem distinção, este acolhimento por parte do mestre resultou em total entrega por parte delas.

Enquanto que no judaísmo os homens cresciam baseados no ensinamento de seu pai, as mulheres aprendiam a servi-los. Interessante que a marca maior do discípulo de Jesus era o servir (*diakonei*) e as mulheres foram o melhor exemplo da definição de discípulo (*mathetês*) com suas características principais: o *orao* (ver) e o *akouo* (escutar) e colocar então em prática o anúncio das Boas Novas do Reino de Deus. As mulheres seguiram Jesus desde o

começo de seu movimento e foram fiéis até a cruz. Enquanto os demais discípulos (homens) fugiram no ápice da paixão de Cristo, quando ele foi capturado, condenado, castigado e morto, lá estava elas, fiéis a seu mestre (Mc 15,40-41). Nos momentos mais difíceis as mulheres não o abandonaram, com sua coragem e fidelidade elas exemplificam da melhor forma o discipulado.

Enquanto que em sua sociedade elas eram proibidas de testemunhar, pois não eram consideradas de confiança, no movimento de Jesus elas foram peças fundamentais naquilo que é essencial no cristianismo, a ressurreição de Jesus. Ficamos sabendo através do relato de Maria Madalena e outras Marias, da morte na cruz (Mc 15,40-41; Mt 27,55-56; Lc 23,49; Jo 19,25), do sepultamento do mestre (Mc 15,47; Mt 27,61) e lógico da ressurreição (Mc 15,40-41; Mt 27,55-56; Lc 23,49; Jo 19,25) e por isso cremos.

Mesmo tendo tanta importância para igreja primitiva e com todo o esforço que Jesus fez, as tensões que ele sofreu, colocando em risco sua própria integridade em algumas circunstâncias, criticando duramente os dominadores de seu tempo para promover uma igualdade de gênero, a igreja cristã, que seria a continuidade do movimento e ensinamentos de Jesus em meio a sociedade, não se permitiu continuar com a mesma militância na promoção de um movimento de iguais no decorrer de seu desenvolvimento e expansão. A semente lançada por Jesus não foi assimilada tão fácil e rapidamente por sua igreja, pois a herança patriarcal era algo extremamente embrenhado em sua sociedade, sendo necessárias alterações estruturais profundas que proporcionassem tais mudanças de comportamento e vivência de relacionamento. As revoluções ideológicas somente se concretizam na história, quando as estruturas sociais, em seus aspectos, culturais, políticos e econômicos permitem esta mudança, e todo este processo pode levar muito tempo.

A institucionalização da igreja no decorrer de sua história, trouxe um retrocesso no processo de promoção da igualdade, pois suas bases patriarcais novamente se fortaleceram,

sua estrutura hierarquicamente comprometeu rigidamente qualquer possibilidade oficial de reação, uma vez que a consequência da institucionalização é a burocratização, ou seja, sendo necessário mexer em todo o alicerce para qualquer tipo de mudança, considerando que na hierarquização, quem detém o poder econômico e político não quer perdê-lo.

Com a Revolução Industrial, a partir da segunda metade do século XVIII, a absorção do trabalho feminino pelas indústrias, como forma de baratear os salários, inseriu definitivamente a mulher na produção. Como consequência disto a mulher passou a se manifestar politicamente para reivindicar seus direitos, devido às discrepâncias de benefícios em relação aos homens. Com as lutas e conquistas obtidas, as mulheres foram impulsionadas a mostrar seu valor e alcançar seu espaço em meio a sociedade.

Estamos no século XXI comparando com a sociedade da época de Jesus de uma forma geral está muito diferente, mesmo que em alguns aspectos ainda existam injustiças contra a mulher, ela já conquistou e continua conquistando seu espaço. As mulheres estão em diversos lugares, onde há pouco tempo atrás, somente os homens podiam estar. Temos mulheres comandando viagens ao espaço, mulheres que são presidentas de seus países, militares, policiais, mecânicas e até mulheres bandidas. Porém ainda há lugares onde as mulheres são mortas pelo simples fato de serem mulheres, vendidas como mercadorias, ou maltratadas somente pelo prazer. Como na Índia, onde o patriarcalismo ainda impera, a cada três minutos uma mulher é morta, abusada ou estuprada. A Índia tem o maior índice de infanticídio do mundo, é cometido aborto quando descobre que o filho esperado é menina. Das quinze milhões de meninas que nascem por ano, cerca de vinte e cinco por cento delas não chegam a idade de quinze anos. Quando as meninas escapam de ser assassinadas, no primeiro ano de vida, são mortas gradualmente. Não são enviadas à escola, trabalham duro em casa e morrem de desnutrição ou total abandono de cuidados de saúde. Se a menina sobreviver a tudo isso, e conseguir que a família arranje um casamento, ainda estará correndo risco de ser queimada

viva para não pagar o dote (dinheiro pago a família do noivo), no que se convencionou chamar de “*bride-burning*”, e que poderia ser traduzido por “queima da noiva” (geralmente, são mortas na cozinha, enquanto estão preparando a refeição da família, alguém joga querosene, outro acende um fósforo e a morte é reportada como “acidente doméstico” com o fogão a lenha). Em muitos casos, quando a fonte de dinheiro se esgota, o noivo e sua mãe passam a considerar aquela noiva indesejável e a matam, para que o noivo possa casar-se novamente e começar todo o processo de presentes de novo.

Em alguns lugares mais miseráveis do Brasil, meninas de até cinco anos são entregues para exploração sexual, até mesmo pelos pais, que levam suas filhas em troca de dinheiro a barcos cheios de homens pedófilos como acontece na Amazônia.

Hoje vivemos de certa forma uma situação contrária, enquanto que na sociedade, principalmente ocidental, as mulheres estão alcançando seu espaço e a importância que lhes é devida, nas comunidades religiosas em que estão inseridas, principalmente nas igrejas históricas institucionalizadas ela, com raras exceções, não ocupam lugares de liderança. A mulher pode ser presidente de países, porém quando se fala em sacerdócio ministerial para mulheres é algo extremamente polêmico. Em muitas comunidades evangélicas, a mulher ainda é tratada como na época de Jesus, como incapazes e comparadas a crianças, não podendo algumas vezes sequer subir ao púlpito de suas igrejas.

Jesus lançou a semente do princípio libertador, a igreja cristã precisa ser relevante e libertária para a sociedade de seu tempo, a teologia pode e deve ser imparcial em seus mecanismos e métodos de elucidação da mensagem bíblica. É necessário despatriarcalizar as escrituras, através de métodos exegéticos, hermenêuticos e desconstruir a sistematização teológica criada a partir de uma única lente epistemológica, que dominou e impôs seu saber teológico em toda história da igreja cristã e construir uma teologia a partir de uma

integralidade, sem exclusividade ideológica de gênero, pois em Cristo não há mais diferença entre homens e mulheres.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUMERT, Norbert. *Mulher e homem em Paulo: superação de um mal entendido*. São Paulo: LOYOLA, 428p.1999.
- AUZOU, Georges. *A Tradição Bíblica*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia : Antigo e Novo Testamento*. Vol. 1. São Paulo: Abril, 1973.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia : Antigo e Novo Testamento*. Vol. 2. São Paulo: Abril, 1973.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. 7. ed. rev. São Paulo: Paulus, 1995.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia Viva*. 8. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Paumape.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Vida Nova*. Trad. João Ferreira de Almeida. 13. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus: um ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BRENNER, Athalya. *A mulher israelita: papel social e modelo literário na narrativa bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- CHABTREE, A. R. *Arqueologia Bíblica*. Rio de Janeiro : Casa Publicadora Batista, 1940.
- COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Minas Gerais: Betânia, 1991.
- FIORENZA, Elisabeth S. *As Origens Cristãs a Partir da Mulher - Uma Nova Hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- GAEDE NETO, Rodolfo; PLETSCHE, Rosane, WEGNER, Uwe (Org.). *Práticas diaconais:subsídios bíblicos*. São Leopoldo: Sinodal : CEBI, 2004.
- HALLEY, Henry H. *Manual Bíblico*. São Paulo : Vida Nova, 1993.
- JEREMIAS, Joachim, *Jerusalém nos tempos de Jesus*, São Paulo, Edições Paulinas, 1986.
- LUNEN-CHENU, Marie-Therèse Van. GIBELINI, Rosino. *Mulher e Teologia*. São Paulo: Loyola, 1992.
- Mc. KENZIE, John. *Dicionário Bíblico*. São Paulo : Paulinas, 1984.
- MORACHO, Felix. *Como ler os Evangelhos*. São Paulo: Paulus, 1994.
- NYE, Andréa. *Teoria feminista e as filosofias do Homem*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.
- SAULNIER, Christiane e ROLLAND, Bernard. *A Palestina no tempo de Jesus*. São Paulo-SP: Paulus, 2002.
- SCHOTTROFF, Louise. *Mulheres no Novo Testamento: Exegese Numa Perspectiva Feminista*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.